



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

IDENTIDADE(S) DE GÊNERO NO CONTEXTO DA “CIBORGUIZAÇÃO”: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS DE DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IFTM – CAMPUS UBERABA

Daniella Silva dos Anjos
Welisson Marques

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Campus* Uberaba
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

anjodani2020@gmail.com, welissonmarques@iftm.edu.br

Introdução

De acordo com seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para os anos de 2019 a 2023, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) se define como uma “instituição de educação superior, básica, profissional, pluricurricular e multicampi” que oferta educação em diversos níveis de ensino e modalidade de cursos permitindo que seus estudantes ingressem no ensino médio e realizem graduação e pós-graduação lato e stricto sensu, nas formas de especialização e mestrado respectivamente.

Atualmente, é composto pelos *campi* Ituiutaba, Paracatu, Patos de Minas, Patrocínio, Uberaba, Uberlândia, Uberlândia Centro, Avançado Campina Verde, Avançado Uberaba Parque Tecnológico e pela Reitoria, e trabalha com a proposta de “promover e estimular o aperfeiçoamento da formação dos estudantes brasileiros, futuros profissionais em todos os setores da economia” (PDI, 2019, p.16).

Todavia, esse não é seu único objetivo, entre as múltiplas dimensões abarcadas em seu Projeto Político Pedagógico, há concepções norteadoras em relação ao currículo que buscam oferecer educação nos contextos social, político, econômico e cultural de forma a dar condições aos seus estudantes de compreenderem as transformações que ocorrem em níveis locais, regionais e até planetárias e, assim, atuarem baseados nos saberes apreendidos pelas complexas dimensões por ele trabalhadas a fim de alcançarem uma formação técnica e humana sem que se excluam reflexões sobre seu tempo e lugar histórico.

Gomes e Vieira (2009) ressaltam que a complexidade das dimensões do currículo exige que se pense nas metas a serem atingidas; nos conteúdos que propiciarão os fins desejados; na importância e responsabilidade sobre o que está sendo ensinado e para quem o ensino está sendo direcionado; nos modos de se chegar ao conhecimento requerido; nos recursos materiais, financeiros e humanos; nas decisões necessárias à sua concretização prática; nos modos de transmissão da cultura necessária à formação técnica e humana do sujeito; na reflexão de tempo e lugar históricos em ele se realiza, além de outros aspectos, como a questão do direcionamento do ensino. (PDI, 2019, p. 44)

Nessa perspectiva, o ensino proposto pelo IFTM parte da concepção de que o ato de ensinar, muito além do simples processo de transmissão de conteúdos, implica em estimular que esses estudantes raciocinem, reflitam, interpretem, compreendam, interfiram e, como agentes próprios na construção do conhecimento, produzam novos saberes. O PDI (2019) ainda

preconiza que essa aprendizagem significativa dá-se com um ensino alicerçado em relações dialógicas, éticas e inclusivas, em que a construção dos saberes ocorre de forma concomitante com o aprimoramento humano de cada estudante.

Interdisciplinar, flexível, contextualizado e atual, o IFTM tem como objetivo geral de ensino “proporcionar uma formação integral e contextualizada que favoreça a ampliação e a aplicação de conhecimentos, princípios e valores que norteiem um viver cidadão.” (PDI, 2019, p.48) Para alcançá-lo, entre outros objetivos específicos, o PDI (2019) explicita, como um deles, “articular trabalho, ciência e cultura, buscando uma formação humanista, técnica e científica.” Logo, se existe a preocupação em uma formação humanista que visa a integralidade do indivíduo, é necessário compreender o sujeito que chega à instituição.

Porém, como definir um sujeito? Ou melhor, como definir um sujeito pós-moderno em fase de construção de sua identidade? Para Hall (2006), o conceito de sujeito como hoje o compreendemos começa com uma construção iluminista em que ele seria um ser racional, unificado, homogêneo e estanque do nascimento à morte. A ele, sobrepõe-se o conceito do sujeito sociológico moderno em que a identidade, não mais unificada e estanque, é construída e modificada de acordo com as interações sociais vivenciadas. Assim, assujeitado, ele tem sua identidade determinada por outros, não sendo, por essência, individual.

Em contrapartida a esses conceitos, Hall (2006) descreve um sujeito pós-moderno que, em um contexto sócio-histórico acelerado dentro de um mundo globalizado que parece se expandir para além de quaisquer fronteiras, vê-se fragmentado e sem estruturas rígidas ou instituições confiáveis a que possa se apegar para se identificar. Dessa forma, esse sujeito, num esforço para conceber seu tempo e lugar histórico e compreender como todas as interações sociais vivenciadas agem em sua formação e transformação, vai delineando sua identidade em um processo contínuo, heterogêneo e descentralizado.

Neste capítulo, tentei, pois, mapear as mudanças conceituais através das quais, de acordo com alguns teóricos, o "sujeito" do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno. Descrevi isso através de cinco descentramentos. Deixem-me lembrar outra vez que muitas pessoas não aceitam as implicações conceituais e intelectuais desses desenvolvimentos do pensamento moderno. Entretanto, poucas negariam agora seus efeitos profundamente desestabilizadores sobre as idéias da modernidade tardia e, particularmente, sobre a forma como o sujeito e a questão da identidade são conceptualizados. (HALL, 2006, p. 46)

Os cinco descentramentos apontados por Hall (2006) vão do pensamento marxista à estrutura de poder descrita e caracterizada por Michel Foucault, além dos impactos sociais vivenciados pós-feminismo. E é com base nos conceitos da produção de poder e do feminismo que Judith Butler expande a questão da identidade para o gênero do sujeito. Para ela, o determinismo biológico que se identifica nos papéis sociais impostos pelo sexo de nascimento, masculino ou feminino, aumentam a desigualdade entre homens e mulheres e naturalizam a estrutura social de poder presentes na cultura de uma sociedade.

Assim sendo, não somente o sexo biológico impõe uma identidade de gênero, senão toda uma construção cultural também determinista e imperativa. Foucault (1988) questiona a orientação heterossexual binária e descreve que, a partir do final do século XVI, as técnicas de poder disseminaram e implantaram sexualidades polimorfos que não se detiveram frente aos



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

tabus culturais. Constitui-se, assim, uma ciência da sexualidade que, no lugar da repressão, estuda, fala e administra publicamente o sexo com fins para uma demarcação entre o lícito e o ilícito, entre o aceitável e o condenável, entre o discurso e uma prática hipócrita e velada.

Do Iluminismo ao mundo pós-moderno, transformaram-se as concepções de educação, trabalho, indivíduo, sexo, fronteiras e tecnologia. Essa última tem seu intensivo desenvolvimento como uma das características da pós-modernidade que, sem limites geográficos, econômicos e políticos, torna o indivíduo ainda mais complexo e diversificado. É a partir das ideias de Haraway (1985) que se inaugura uma nova forma de constituição das identidades individuais em que humano e máquina se fundem em tal grau de hibridismo que seria possível cunhar o termo “ciborguização” para as novas gerações de indivíduos que nascem incorporadas às tecnologias.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. Este ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em sua construção [...]. (HARAWAY, 2000, p. 37)

Esses indivíduos “ciborguizados” estão bem descritos na obra de Zigmunt Bauman que cunha a pós-modernidade como um mundo líquido em que fronteiras e, principalmente, as tradições, obrigações e costumes começam a entrar em colapso e passam a não mais ser tão tangíveis como no mundo capitalista moderno. Nesse cenário, eles tornam-se agentes livres. Porém, de acordo com este autor, essa liberdade cobra seu preço com a falta de segurança na família, no trabalho, nas relações sociais e afetivas. Alienados e imediatistas, esses indivíduos são os únicos responsáveis por sua felicidade ou condenação. BAUMAN (2001)

As relações humanas para esses sujeitos “ciborguizados” são, para Bauman (2004), mais leves e livres. Cheios de desejos criados por um mundo em que capital e consumo são a via de regra, eles transferem essa norma para suas relações e deixam de pautar o sucesso de uma aventura romântica pelo tempo de duração, mas sim pela quantidade de parceiros acumulados. Surfando em uma rede de ligações rápidas e superficiais, deslizam por entre riscos e satisfações momentâneas que os enchem de prazer, mas que são tão fugazes quanto o clique de um mouse.

Seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. E, no entanto, a proximidade virtual ostenta características que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, com boa razão, como vantajosas — mas que não podem ser facilmente obtidas sob as condições daquele outro tête-à-tête, não-virtual. Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contigüidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum. (BAUMAN, 2004, p. 39).

Em meio a essa liquidez nas relações, instituições, fronteiras e certezas, ressoa o questionamento de como a identidade de gênero é formada nas adolescentes “ciborguizadas” dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFTM – campus Uberaba. Realmente, há uma diferenciação entre essa identidade apoiada em redes sociais, avatares personalizados, conexões que iniciam e terminam a um clique de distância e aquelas identidades antes desenvolvidas sem todos esses aparatos tecnológicos?

É importante lembrar que esses indivíduos estão inseridos em um meio social e que é a instituição educacional uma importante referência dessa sociedade, tanto em níveis histórico-políticos, como culturais. Logo, o IFTM está preocupado e preparado para lidar com as identidades de gênero de suas estudantes? Há regulamentação e iniciativas a esse favor? Como uma resposta social, cultural e política, a educação sexual nessa instituição surge como uma proposta para que a formação tecnológica e omnilateral seja ofertada a seus estudantes, principalmente os do Ensino Médio, época em que a sexualidade está aflorada em seus corpos e mentes.

Porém, essa educação sexual tem em um de seus pilares a preocupação com a formação da identidade de gênero? Como uma instituição educacional federal regulamenta esse trabalho em seu PCC e o executa com suas alunas? Todas essas questões são o ponto de partida para uma investigação sobre como a identidade de gênero de adolescentes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFTM, campus Uberaba, são formadas no contexto da “ciborguização” que é vivenciada por essas novas gerações.

Para tal, será utilizada uma abordagem metodológica qualitativa com entrevistas semiestruturadas como instrumento dessa pesquisa. Serão analisados os discursos de quatro discentes de cada curso técnico integrado ao Ensino Médio do IFTM, campus Uberaba, matriculadas regularmente nos terceiros anos nos cursos de Administração, Agropecuária e Alimentos. Será utilizada a Análise de Discurso de linha francesa como ferramenta teórico-metodológica, com Pêcheux e Foucault como autores de referência.

Metodologia

De acordo com a proposta realizada, será necessária a escolha de estudantes para a realização da abordagem metodológica qualitativa com entrevistas semiestruturadas como instrumento de pesquisa em que os discursos de quatro discentes de cada curso técnico integrado ao Ensino Médio do IFTM, campus Uberaba, matriculadas regularmente nos terceiros anos nos cursos de Administração, Agropecuária e Alimentos serão analisados.

Essa escolha será realizada por meio da participação desses estudantes em uma Roda de Conversa que será realizada com cada turma e que terá como tema “A Sexualidade Humana e a Tecnologia Digital”. Além da autora da pesquisa, também estarão presentes nesses momentos o orientador da mesma e um convidado. Assim, a escolha desses estudantes será pautada na visão desses três observadores.

Por fim, depois dessa escolha e da aplicação dos instrumentos de pesquisa propostos, será realizada uma análise que utilizará a Análise de Discurso de linha francesa como ferramenta teórico-metodológica, com Pêcheux e Foucault como autores de referência.

Referencial teórico

Essa pesquisa investiga que identidades de gênero emergem dos discursos das estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do IFTM, campus Uberaba. Para tal,



7º EnPE

Encontro de Pesquisa e Extensão

busca em Stuart Hall o conceito da identidade pós-moderna, em Judith Butler, a identidade de gênero e, em Donna Haraway, as identidades individuais híbridas que definem a “ciborguização”. Relacionando essas identidades ao mundo líquido de Zigmunt Bauman e em como as relações se efetivam. Será utilizada uma abordagem metodológica qualitativa com entrevistas semiestruturadas, fundamentadas na Análise de Discurso de linha francesa como ferramenta teórico-metodológica, com Pêcheux e Foucault como autores de referência.

Considerações/conclusões

Essa pesquisa ainda se encontra em andamento e, em virtude da Pandemia da COVID-19 que comprometeu as aulas regulares presenciais, ainda não pôde começar o processo de escolha dos estudantes que terão seus discursos analisados.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna J. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX” (1985), in: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do Ciborgue** – as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2000.

IFTM. Instituto Federal do Triângulo Mineiro. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2019-2023**. Disponível em: https://iftm.edu.br/pdi/acompanhamento/2019-2023/download/pdi_2019-2023_versao_final_para_publicacao_no_site.pdf. Acesso em: 19 jun. 2020.